

Apontamentos da dança do Rio Grande do Sul na contemporaneidade

Carmen Anita Hoffmann[1]
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Resumo: O presente estudo é parte das reflexões acerca dos contextos da dança no Rio Grande do Sul que identificou as suas diferentes fases para situar a escrita da trajetória do Curso de Dança da UNICRUZ (1998-2010), o primeiro curso superior em dança do Estado, de mesma autoria deste estudo. Para tanto apresenta-se, aqui, um recorte temporal que reflete acerca do período contemporâneo da dança no Rio Grande do Sul. Este recorte que inicia com a vivência de Eva Shul, ocorreu após a análise dos pioneiros e do movimento moderno através de Cecy Franck. A inclusão da dança no ambiente acadêmico é recente e é reflexo da atuação e desenvolvimento da classe, aspecto que está promovendo a produção de publicações em dança. Fomenta, ainda, redes de colaboração, através de diversos professores/artistas em seu corpo docente e alunos das mais diversas experiências em turmas, permitindo um espaço de trocas e de exercício da diversidade, tão presente na dança do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Dança; diversidades; Rio Grande do Sul.

O presente estudo faz parte das reflexões acerca da dança no Rio Grande do Sul que contextualiza a tese intitulada A trajetória do Curso de Dança da UNICRUZ (1998-2010), aqui recortada a partir da atuação de Cecy Franck e a difusão da dança moderna. A professora Eva Shul registra sua vivência, nos anos 1960, do início da

[1] Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1980), por ter larga e contínua experiência em dança, fez a especialização em Ciência do Movimento Humano com ênfase em Dança na UNICRUZ e mestrado em História Íbero-Americana na PUCRS (2002). É doutora em História pela PUCRS (2015). Professora convidada no Programa de Pós Graduação em Dança da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Universidade do Oeste de Santa Catarina. Professora do Curso de Dança-Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), coordenadora adjunta do Núcleo de Folclore (NUFOLK), coordenadora do Festival Internacional de Folclore e Artes Populares de Pelotas (FIFAP), coordenadora do projeto Laboratório de Estudos Coreográficos (COREOLAB) e do projeto de pesquisa Aspectos Históricos da Dança no Rio Grande do Sul. Foi coordenadora do primeiro Curso Superior de Dança do RS na Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ) onde foi, também, professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo. Dirigiu o Grupo de Danças Chaleira Preta, onde participou de diversos eventos nacionais e internacionais (França, Itália, Argentina, Uruguai, Chile,Paraguai, Àustria, Hungria, entre outros). Foi colaboradora e coreógrafo do Grupo de Arte Nativa Os Chimangos de Caçapava do Sul. E professora de dança no Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias de Cruz Alta (1993-2013) É membro do Colegiado Estadual de Dança e sub secretária da Organização de Festivais e Artes Populares de Pelotas (IOV). Participou da banca de avaliação do prêmio PROCULTURA de estímulo ao Circo, Dança e Teatro 2010/ Programação de espaços cênicos, tem participado de bancas e seminários no Festival de Dança de JOINVILLE, Santa Rosa em Dança, Bento em Dança, Festival Atena de Frederico Westphalen.. Integra os grupos de pesquisa: Laboratório de Culturas Populares, e Dança e Educação.

dança contemporânea no Brasil, ressalta ainda que percorreu os primeiros congressos de dança, sendo aluna da primeira geração de dança moderna (VAN HELDEN e FREIRE, 2002).

Ao opor-se ao modelo europeu, em uma cultura estranha ao meio, a dança contemporânea sobreviveu pela luta daqueles que levantavam a bandeira de um veículo que, apesar de importado, propiciava ambiente para florescimento de uma linguagem própria, de acordo com a cultura local. Esta, naquele momento, era compreendida como algo que proporciona uma identidade coletiva a um conjunto de ações ou situações capaz de organizar diversidade, em oposição ao conceito de hoje, que diversidade é fundamental. Schul (2002), observa que a fugacidade do objeto da dança se torna língua falante, pois quando termina de ser executada já está em movimento e, imediatamente, se modifica, favorecendo a singularidade, o que induz ao abandono dos blocos que eram destaque no panorama nacional nos anos 1970. É deste tempo o mercado de festivais competitivos, tido como único para o crescimento e desenvolvimento dos grupos frequentadores e que formatava critérios de qualidade com valores desconexos. Paralelamente, aconteciam mostras e encontros para promover o debate acerca do novo panorama, como a *Mostra Contemporânea da Bahia*, na Escola de Dança da UFBA.

Eva Schul tinha a preocupação em ensinar dança moderna, trabalhando e construindo “corpos modernos”. O espetáculo *Um Berro Gaúcho* – 1977 –, do *Grupo Mudança*, significou uma inovação e serviu de referência para se falar de liberdade e servidão em pleno século XX. A música foi composta especialmente para a coreografia, por Toneco e Carlinhos Hartlieb.

Em 1980 Eva foi trabalhar em Curitiba, onde deu aulas no Teatro Guaíra e, também, no Curso Superior de Dança da Faculdade de Artes do Paraná, sendo uma de suas fundadoras, e retorna em 1993, dando continuidade na formação de dança moderna em Porto Alegre, com a criação da *Ânima Cia de Dança*. Abre-se aqui um parêntese importante na trajetória da dança contemporânea do Estado, onde se reconhece que Eva Schul influenciou toda uma geração de bailarinos gaúchos que buscavam um novo caminho. Esse reconhecimento se transforma em uma obra concebida e coordenada por Mônica Dantas, *Dar Carne à Memória,* que recebeu o

Prêmio Funarte Dança Klauss Vianna/2009 com o propósito de recriação e celebração do patrimônio coreográfico da dança contemporânea em Porto Alegre, através da remontagem de obras coreográficas de Eva Schul.

Segundo Nora e Flores (2013), os ensinamentos e conhecimentos de Eva ultrapassaram os limites da capital, estendendo-se a diversas cidades gaúchas e influenciando o fazer da *Companhia Municipal de Caxias do Sul*, especialmente entre 1998 a 2004. Em Cruz Alta, também levou sua técnica, ministrando cursos e palestras e apresentando espetáculos com a *Ânima Cia de Dança*. Conforme as autoras, ela buscou conhecimento com Hanya Holm e Alvyn Nikolais, durante sete anos.

A partir dos anos 1980, surgem cursos de dança nas universidades fora da Bahia, oportunizando grupos de estudos, cursos e *workshops,* e novas possibilidades de pesquisar dança com uma produção conectada com o movimento no contexto mundial. Neste sentido, tentando buscar relações e conexões da dança contemporânea Schul (2002), observa que apesar de mais estudada a dança contemporânea ainda é incompreendida, mas que "[...] este trânsito permanece livre, possibilitando a disseminação das linguagens confusas e miscigenadas, criando trabalhos e técnicas sem uma linguagem específica" (SCHUL, Eva. In: VAN HELDEN e FREIRE, 2002).

Como exemplo, em Porto Alegre, o *Terra–Cia de Dança do Rio Grande do Sul* (1981-1984) tinha como propósito promover a dança para além das suas fronteiras estaduais, em espaços alternativos como praças, ruas, parques, presídios. Buscava a profissionalização do bailarino e mostrava que a dança é uma linguagem comprometida com o seu tempo. O que era percebido neste grupo era a personalidade dramática através de novas narrativas.

Dantas (1999), atenta que dentre os grupos que buscaram uma definição de suas influências está o *Terpsi Teatro de Dança*, fundado em 1987, por Carlota Albuquerque. Esse grupo se aproxima da linguagem da dança-teatro de Pina Bausch e, desde 1989, embasava sua obra coreográfica nessa linha, através das aulas de Eneida Dreher que estudou na FolkwangHochshuler. O reconhecido trabalho da *Terpsi Cia de Teatro e Dança* foi destaque e obteve reconhecimento no ano de 2010 quando ela Carlota Albuquerque foi agraciada na 16ª Edição da Ordem do Mérito

Cultural em cerimônia no Theatro Municipal do Rio de Janeiro promovida pelo Ministério da Cultura.

Nos diferentes contextos e nos mais variados gêneros a dança é uma atividade que se manifesta em todo o Estado do Rio Grande do Sul. Sobretudo, merecem destaque as companhias de Caxias do Sul, a *Cia Municipal de Dança de Caxias do Sul*, a primeira companhia profissional do Estado, além da *Companhia Matheus Brusa* que tem sido reconhecida pela pesquisa e qualidade poética de seus trabalhos. Os encontros e festivais movimentam as academias e grupos de todo o Estado como o *Bento em Dança*, o *Santa Rosa em Dança,* o *Santa Maria em Dança,* o *Dança Cruz Alta,* o *Dança Alegre Alegrete*, além dos festivais regionais, e o festival estadual do *ENART (Encontro de Arte e Tradição)*, que envolve invernadas artísticas dos Centros de Tradições Gaúchas, movimentando milhares de dançarinos que competem com outros grupos de danças tradicionais gaúchas. Estas danças refletem, através de suas temáticas, um ambiente pitoresco: o meio rural (CÔRTES e LESSA, 1968).

Os grupos apresentam coreografias de entrada e de saída (danças criadas a partir de estudo prévio com a intenção de, com a entrada, abrir o começo da apresentação, encerrando com a saída) que constituem um trabalho com entrelaçamento contemporâneo e expressam questões relativas ao contexto histórico, usos e costumes do Estado.

Apesar desse movimento organizado e sob a tutela do estatuto do MTG, as manifestações de danças populares no Rio Grande do Sul são significativas, não se restringindo aos grupos de danças tradicionais gaúchas. Eles têm representado o Estado e, até, o país, em encontros internacionais como, por exemplo, o *Grupo de Danças Populares Andanças,* o *Grupo Tchê* e o *Grupo de Brincantes Paralelo 30,* ambos da UFRGS, de Porto Alegre e a *Abambaé Cia de Danças Brasileiras e a Cia de Dança-afro de Daniel Amaro,* estas de Pelotas. Além disso conta com inúmeros grupos de projeção do folclore latino-americano:*Conjunto de Folclore Internacional Os Gaúchos*, de Porto Alegre;*Grupo de Arte Nativa Os Chimangos*, de Caçapava do Sul; e*Grupo de Danças Chaleira Preta*, de Cruz Alta. Muitos grupos étnicos espalhados por todo o território sul-rio-grandense cultuam suas origens através de suas danças, como: italianos, espanhóis, alemães, poloneses, árabes, portugueses, etc. Cabe

salientar, ainda, a formação de grupo vinculado à universidade, não somente com repertório popular, como mencionados anteriormente, como o *Ballet da UFRGS,* que tem se apresentado com repertório clássico e contemporâneo.

Em Porto Alegre e em todo o Estado tem-se percebido que os espetáculos são oriundos de diversos ambientes: escolas, academias, grupos de terceira idade, coletivos, encontro das graduações, salão de dança entre outros.

> [...] as escolas e academias não dominam mais a produção de dança. Aliás, a dança se multifacetou, pluralizou e se descentralizou em muitos sentidos. Para isso, há de se querer enxergar os quase 70 grupos que atuam hoje em Porto Alegre. [...] que passaram a estabelecer um outro cenário ao lado de tradicionais grupos e companhias que ainda se preservam e lutam para manter seus trabalhos (TOMAZZONI, 2011).

Ao apresentar a cartografia da dança contemporânea do Rio Grande do Sul, Tomazzoni (2010), considera os seus protagonistas como um coletivo heterogêneo e identifica dois movimentos distintos: o de permanência e o de renovação. O de permanência diz respeito ao das companhias já tradicionais: *Terpsi Teatro de Dança* (1987); *Muovere*(1989); *Cia H* (1993) e *Ânima Cia de Dança* (1993), além de outras mais recentes. Outros que surgiram posteriormente como *TroupeXipô* (Montenegro); o *TatáNúcleo de Dança-Teatro* da Universidade Federal de Pelotas, o *Grupo de Estudos e Experimentações em Laban*(Caxias do Sul) e a *Porto Alegre Cia de Dança*. Tomazzoni apresenta o *Coletivo 209* como um grupo singular que nasceu dentro do projeto Usina das Artes, da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Praticam a gestão compartilhada onde grupos/artistas mantêm a programaçãoda sala 209 da Usina do Gasômetro. Há, também, grupos independentes que têm garantido a presença da dança nas atividades culturais. Entre esses estão o *Centro Contemporâneo de Pesquisa e Movimento BerêFuhro Souto*, de Pelotas; *Geda Cia de Dança Contemporânea,Meme Santo da Casa* e,*Transforma Cia de Dança* – estes três últimos de Porto Alegre. Tomazzoni observa que apenas três companhias estão diretamente vinculadas a iniciativas públicas municipais: a de Caxias do Sul, a de São Leopoldo e o Grupo Experimental de Porto Alegre. Em levantamento realizado sobre dança contemporânea no Estado, o autor diz ter identificado

> [...] 45 produções nos últimos anos, há um circuito com um bom número de espaços culturais concentrado na capital, [...] Em espaços alternativos como o da Sala 209, com programação exclusiva de dança, o Teatro Museu do Trabalho ou mesmo o Studio Stravaganza, que eventualmente recebe temporadas de dança. Eles vêm garantindo temporadas mais prolongadas para as produções, mas não oferecem, muitas vezes, as melhores condições de infraestrutura e localização (TOMAZZONI, 2010).

A dança clássica ou *ballet* de repertório permanece cultuada em algumas escolas tradicionais da capital como o *Ballet Vera Bublitz*,*Ballet Lenita Ruschel*, *Ballet Studio Cris Fragoso*, *Ballet Studio Redenção*, entre outros. E no interior o *Ballet Dicléia Ferreira de Souza*, em Pelotas; a *Escola Dançarte*, de Passo Fundo; *Margô Brusa Escola de Dança* e *Dora Ballet*, em Caxias do Sul; *Ballet Miram Goulart,* em São Borja.

Os fundos de financiamento têm sido fundamentais para a produção e circulação de espetáculos dos grupos independentes, como o Fumproarte, de Porto Alegre; o Fundoprocultura, de Caxias do Sul; o Fumprocultura, de Montenegro; e o Procultura, de Pelotas. Em nível federal artistas gaúchos têm se beneficiado com os prêmios Klauss Vianna, da Funarte; manutenção de espaços de produções em dança, teatro e circo, e o bolsa Funarte de estímulo à criação artística. Em contrapartida, diz Tomazzoni (2010), as leis de incentivo em âmbito estadual pouco têm representado como apoio aos grupos e companhias de dança contemporânea no Rio Grande do Sul.

Tomazzoni ressalta que em 2010 aconteceram contratações de professores para atuarem no currículo da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Pela primeira vez se teve professores graduados em dança atuando em sala de aula e ganhando salário fixo. Houveram, também, concursos para a docência em nível estadual.

A inclusão da dança no ambiente acadêmico é recente e é reflexo da atuação e desenvolvimento do movimento da classe, aspecto que está promovendo a produção de publicações em dança. Fomenta, ainda, redes de colaboração, seja por reunir diversos professores/artistas em seu corpo docente, ou por reunir alunos das mais diversas experiências em turmas, permitindo um espaço de trocas e de exercício da diversidade, tão presente na dança sul-rio-grandense. É o Estado com o maior número de cursos de graduação (sete) em Dança.

Referências

CÔRTES, João Carlos Paixão & LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Manual de danças tradicionalistas**. 3 ed., Porto Alegre: Irmãos Vitale, 1968.

DANTAS, Mônica**. Dança**: o enigma do movimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

HELDEN, Maria Waleska Van & FREIRE, Ana Luiza Gonçalves. **Anais do I Condança – Qual o futuro da dança**. Porto Alegre: La Salle Gráfica Editora, 2002.

HOFFMANN, Carmen Anita. **A trajetória do Curso de Dança da UNICRUZ (1998-2010**). Tese de Doutorado, Programa de Pós Graduação em História/Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

NORA, Sigrid. **Frestas da Memória**: a dança cênica em Caxias do Sul. Caxias do Sul: Lorigraf, 2013.

TOMAZZONI, Airton. Trânsitos possíveis: conexões e desconexões da cartografia da dança contemporânea no Rio Grande do Sul. In: GREINER C., ESPÍRITO SANTO, C. SOBRAL S. (org.) **Cartografia Rumos Itaú Cultural Dança**: Mapas e Contextos. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.